

RESENHA

João Batista dos Santos Almeida*

Ouweneel, Willem. **Coração e alma – uma perspectiva cristã da psicologia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

Willem Ouweneel é um prolífico erudito holandês, com mais de 100 livros publicados e diversos artigos na revista holandesa *Philosophia Reformata*. É graduado e pós-graduado em biologia (1962-1967), com estudos doutorais nas áreas de genética e embriologia. Seu segundo doutorado foi em filosofia (1986), tratando sobre a antropologia do filósofo reformado holandês Herman Dooyeweerd.¹ *Coração e alma (Hart en Ziel)* foi publicado em 1984, quando o autor provavelmente estava em meio aos seus estudos doutorais de filosofia. Seu doutorado em teologia só viria mais tarde, em 1993.

O livro possui seis capítulos, divididos em tópicos e subtópicos curtos. O primeiro capítulo aborda a difícil situação dos psicólogos cristãos, uma vez que os pioneiros da psicologia moderna não costumam consultar a Deus ao predicarem sobre sua criatura, o ser humano. Ouweneel afirma que isso seria menos grave em outras áreas, como engenharia ou odontologia. Mas sustenta a gravidade disto na psicologia, uma vez que “estamos falando de uma ciência que, desde o início, tem-se afirmado capaz de revelar-nos algo de grande importância sobre quem e o que o ‘ser humano’ é” (p. 9). Para ele, uma verdadeira psicologia precisa ser guiada pela luz das Escrituras se quiser obter conhecimento verdadeiro por meio de observação e experimentação (p. 11). Ela deve ser desconstruída “tijolo por tijolo”, sendo que alguns deles serão úteis, outros terão de ser descartados e haverá necessidade de tijolos novos. Sobretudo, o edifício a que chamamos *Psicologia* deverá ser erigido sobre um novo fundamento (p. 12). Neste capítulo, e por toda a obra, há ênfases típicas da filosofia reformacional² holandesa, como a impossibilidade da neutralidade científica (p. 8), a ideia do coração como raiz religiosa da existência humana (p. 10) e a diferença entre Escritura e teologia (p. 11).

O capítulo 2, “Pontos de partida para uma psicologia cristã”, introduz a antropologia do autor. Seguindo Dooyeweerd, ele apresenta os aspectos mais básicos que constituem o ser humano, chamados por ele de *reinos*, “ou outro termo qualquer que queiramos chamá-los” (p. 18). Trata-se de um modo popular de apresentar e aplicar à antropologia a teoria dooyeweerdiana dos aspectos modais. Ouweneel lista quatro “reinos” ou aspectos: o *inorgânico* (físico), o *orgânico* (biótico), o *psíquico* (reino dos animais)³ e o *espiritual* (reino dos seres humanos) (p. 18,19). Ele reflete os conceitos

* O autor é bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

¹ Cf. <<http://www.willemouweneel.nl/curriculum>>. Acesso em: 30 set. 2014.

² O termo “reformacional” (do holandês *reformatorisch*) foi cunhado pelo filósofo canadense Calvin Seerveld para descrever a tradição da filosofia reformada que inclui, além da obra de Herman Dooyeweerd e Dirk Vollenhoven, o trabalho de eruditos que edificam sobre as obras dos dois e que também se identificam como participantes da tradição kuyperiana do cristianismo calvinista. ZUIDERVAART, Lambert. *The Great Turning Point: Religion and Rationality in Dooyeweerd's Transcendental Critique. Faith and Philosophy*, Vol. 21, No. 1, 2004 (p. 65-89), p. 84.

³ Na p. 19, Ouweneel divide o reino psíquico em dois, que mais à frente chamará de “o perceptível e o sensível” (p. 21). Essa sugestão não vem de Dooyeweerd, mas de pensadores como Vollenhoven, Troost e Van Dijk. GLAS, Gerrit. *Christian Philosophical Anthropology. A Reformational Perspective. Philosophia Reformata* 75, 2010 (p. 141-189), p. 180. A importância disso será notada na exposição do capítulo 4.

reformacionais de *antecipação* e *retrocipação*, ao dizer que “cada uma dessas áreas contém a anterior” (p. 19). Embora seja tipicamente espiritual, o ser humano também possui um aspecto psíquico, um biótico e um físico. Para evitar reducionismos, ele propõe ao leitor que entenda “espiritual” como “espiritivo”, incluindo neste termo todos os aspectos superiores específicos do ser humano, que ficam acima dos elementos que o equiparam aos minerais, vegetais e animais (físico, biótico e psíquico). O aspecto “espiritivo”, desse modo, incluiria os modos de ser *analítico, histórico, linguístico, social, econômico, estético, jurídico, ético e pístico* do ser humano (p. 43).⁴ Finalmente, Ouweneel retoma seu assunto antropológico central, o coração (p. 32-34), e destaca a importância de conhecê-lo, à luz das Escrituras, para que seja obtido o verdadeiro conhecimento psicológico (p. 40, 41).

O capítulo 3, “O desenvolvimento da psicologia”, trata especificamente da psicologia experimental, abordando seu desenvolvimento a partir de meados do século 19. Ele apresenta um resumo histórico e crítico das escolas psicológicas surgidas desde então (Estruturalismo e Funcionalismo, Psicologia Profunda, Reflexologia, Behaviorismo, Psicologia Humanista, Cognitiva, Gestalt e Existencialista, p. 50-63) e conclui que, embora todas tenham contribuído de algum modo para o conhecimento da alma humana, somente a psicologia cristã tem condições de lidar com a natureza mais profunda do coração humano, que só pode ser captada “em termos do relacionamento do homem com Deus ou com os ídolos” (p. 63, 64).

O capítulo 4, “As estruturas mentais”, é certamente o mais discutível da obra. Ouweneel anuncia que vai interagir com materiais seculares, mas promete dar às informações coletadas “uma roupagem totalmente nova” (p. 65). Embora não o mencione, ele faz uso considerável da obra do neurocientista norte-americano Paul D. MacLean e de sua *Teoria do cérebro trino*, popular na década de 1980, cuja suposição básica é que o cérebro humano integra três diferentes cérebros ou setores, cada um respondendo por um nível evolutivo: *reptiliano, límbico* e *neocórtex*. Segundo esta teoria, na base do cérebro haveria uma camada, presente na maioria dos animais, que controla os impulsos instintivos; ela estaria envolvida por uma segunda, que responde pelas afeições. Acima dela, haveria a terceira, responsável pela linguagem, planejamento, introspecção e consciência.⁵ Em sua interação, Ouweneel está consciente do impulso evolucionista dessa visão que “empilha” o cérebro de répteis, mamíferos e primatas (p. 69). No entanto, ele faz associação dessa teoria com sua teoria dos aspectos modais ao sustentar, por exemplo, que: o córtex cerebral “é a base, o ‘portador’, por excelência, da estrutura espiritual” (p. 66); o sistema límbico “é a base ou o ‘portador’ por excelência da estrutura sensível” (p. 67) e o sistema nervoso autônomo (ele não o chama de *reptiliano*) age em várias funções corporais não sujeitas ao controle voluntário, “tais como a digestão, a respiração” etc., sendo importante para as estruturas *bióticas* e *psíquicas* (p. 68).

A apropriação da *Teoria do cérebro trino* feita por Ouweneel foi questionada devido aos avanços neurocientíficos e observações clínicas nos últimos 30 anos. Gerrit Glas, outro estudioso reformacional, embora admita os atrativos da proposta de Ouweneel, apresenta duas objeções a ela.⁶ A primeira, de tipo *empírico*, é a de que

⁴ Na pág. 20, Ouweneel define o aspecto “espiritivo” como se referindo “à mente intelectual, imaginativa e volitiva, e não especificamente à vida que temos no Espírito ou à vida que é nossa em Cristo”. O termo “espiritivo” refere-se ao que Dooyeweerd chamou de *ato-estrutura* ou a estrutura típica dos atos humanos (KALSBEEK, L. *Contours of a Christian Philosophy*. Toronto: Wedge, 1975, p. 289ss).

⁵ Ver MACLEAN, P. D. *A Triune Concept of the Brain and Behavior*. Toronto: University of Toronto Press, 1973.

⁶ Em seu artigo, Glas analisa o livro *De leer van de mens. Proeve van een christelijk-wijsgerige antropologie* (Amsterdam: Buijten & Schipperheijn, 1986). A obra é a tese de Ouweneel – em formato

tronco cerebral e gânglios basais, apenas, “provavelmente não são suficientes para originar nem mesmo a forma mais elementar de consciência: formas elementares de consciência pressupõem atividade cortical, pelo menos em seres humanos”.⁷

No caso de seres humanos em estado vegetativo, o córtex cerebral e partes importantes do sistema límbico são desligados. O tronco cerebral (e os núcleos básicos), no entanto, ficam intactos. Esses pacientes estão em coma permanente, e estão inconscientes, embora possam, via de regra, respirar e engolir sem ajuda mecânica. Em outras palavras, esses pacientes em coma possuem um “cérebro reptiliano” intacto, mas não funcionam no sentido perceptivo.⁸

A segunda objeção resulta da primeira, e é de tipo *metodológico*. Segundo Glas, Ouweneel identifica rápido demais certas estruturas cerebrais com subestruturas em sua teoria. Em suas palavras: “parece que Ouweneel identifica as várias camadas (anatômicas e funcionais) no cérebro com o funcionamento de aspectos modais de uma determinada infraestrutura”⁹. Para Glas, a visão dooyeweerdiana dos processos cerebrais deve sempre ser estudada considerando todo o funcionamento humano, isto é, as quatro subestruturas. A questão, portanto, é se a particularidade de cada setor cerebral seria suficientemente incisiva para postular a existência de uma esfera de lei separada que correspondesse a cada um deles.¹⁰

Além da teoria de MacLean, ainda há no capítulo 4 outra teoria com a qual Ouweneel interage. É a de que a natureza humana consiste em quatro humores, e que as propriedades de cada um deles “correspondem a cada uma das quatro estações, cada humor predominando na estação que compartilha a mesma natureza”.¹¹ Sangue, quente ou frio, predomina na primavera; bile amarela, quente e seca, no verão; bile negra, fria e seca, no outono; e fleuma, fria e molhada, no inverno.¹² Essa visão é atribuída tradicionalmente ao médico grego Hipócrates (460-370 a.C.) e ao seu discípulo e genro Pólipo,¹³ e era entendida “em termos de uma teoria cosmológica geral em que fogo, terra, ar e água eram os quatro elementos básicos de todas as coisas”.¹⁴ Mais tarde, ela foi desenvolvida pelo médico e filósofo greco-romano Cláudio Galeno (129-204 d.C.), que afirmou que quatro qualidades seriam combinadas nos quatro humores (sangue, bile, bile negra e fleuma), formando os chamados “temperamentos”: sanguíneo, melancólico, colérico e fleumático.¹⁵ Para Galeno, uma mistura proporcional desses humores (*eucrasia*) produziria equilíbrio na alma, enquanto uma mistura

comercial – sobre a antropologia filosófica dooyeweerdiana (um sumário em inglês pode ser lido em: <http://www.plantinga.ca/cp/SA-MO.HTM>; acesso em 30 set. 2014). Embora Glas esteja avaliando um livro de Ouweneel lançado dois anos depois da primeira publicação de *Coração e alma*, considero sua análise útil, tanto pela proximidade temporal entre as duas obras, como por abordar o mesmo ponto discutido aqui.

⁷ GLAS, *Christian Philosophical Anthropology*, p. 181.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid. Para Glas, Ouweneel encontrou, nas divisões propostas por MacLean, a confirmação científica de que precisava para a sua divisão do aspecto físico em duas modalidades (*perceptiva e sensitiva*). Ibid., p. 180.

¹⁰ GLAS, *Christian Philosophical Anthropology*, p. 181.

¹¹ JOUANA, Jacques. *Greek Medicine from Hippocrates to Galen*. Leiden/Boston: Brill, 2012, p. 335.

¹² Ibid.

¹³ Ver HIPÓCRATES, Da natureza do homem. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO, Wilson A. (Eds.). *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p. 39-59.

¹⁴ STELMACK, Robert M.; STALIKAS, Anastasios. Galen and the Humour Theory of Temperament. *Personality and Individual Differences*, Vol. 12, No. 3, 1991, (p. 255-263), p. 262. Sobre a influência da cosmologia pitagórica sobre essa teoria, ver p. 257ss.

¹⁵ Conf. COXE, John Redman (Ed.). *The Writings of Hippocrates and Galen*. Philadelphia: Lindsay and Blakiston, 1846, p. 492-493.

desproporcional (*dyscrasia*), causaria doenças.¹⁶ Nas páginas 69 e 70, Ouweneel relaciona essa crença milenar às visões modernas de hereditariedade, e seu silêncio crítico tem um efeito legitimador. Ao que parece, ele não percebeu os perigos de se integrar a uma visão cristã uma teoria cuja suposição básica é a de que existem *interações causais absolutas* entre estados físicos e psicológicos. Ouweneel afirma que o temperamento deve ser considerado como “um núcleo de nosso caráter” (p. 70), sem notar que no esquema hipocrático-galênico o elemento da responsabilidade e do equilíbrio do caráter não tem a ver com o coração que deve se voltar para Deus, conforme afirma Ouweneel (p. 70), mas depende dos níveis mais baixos da escala de modalidades da experiência humana. Neste ponto, ele poderia ser acusado do mesmo erro dos integracionistas, o de serem “muito apressados em pressupor a verdade da psicologia que se pratica hoje [e que não é cristã]” (p. 11).

Os problemas apontados no capítulo 4 acabam ressaltando a grandeza do esforço de Ouweneel. *Coração e Alma* é uma espécie de esboço do que, dois anos depois (1986), se tornaria (com sua tese de doutorado publicada como livro) o primeiro tratado sistemático de antropologia filosófica numa perspectiva reformacional, algo que não tinha sido elaborado até então nem mesmo pelos fundadores dessa filosofia.¹⁷ Como qualquer incursão pioneira dessa magnitude, é impossível não haver imprecisões. Contudo, tais lacunas contribuem para novas discussões e refinamentos teóricos.

No capítulo 5, “A personalidade normal”, Ouweneel trata do desenvolvimento do caráter (*ethos*) humano, que se dá no interior dos indivíduos, pela articulação de necessidades, desejos e valores (p. 93-94), e quando eles se relacionam com o próximo e com Deus. Ouweneel também discute a personalidade criminosa (p. 103) e dedica os últimos tópicos do capítulo outra vez ao tema do coração, sua relação com a consciência e seus condicionamentos, com a caridade (p. 109), a fé (p. 111) e a verdade (p. 112). Considerando os problemas da personalidade normal (desarmonias interiores, dissonância cognitiva, falsa obediência e agressividade) e sua responsabilidade perante Deus, o capítulo bem que poderia ser intitulado “Pecadores normais”.

No último capítulo, “A personalidade anormal”, o autor começa abordando os critérios estatístico e sociocultural que costumam definir quem é ou não é anormal (p. 114-116). Ele conclui que tais explicações “são tão complicadas como a discussão das normas” (p. 118), apontando como razão disso as explicações históricas que reduzem as causas da anormalidade humana a uma ou outra explicação (p. 118). E propõe, por sua vez, que o comportamento anormal seja caracterizado por: “(a) uma aberração perceptivo-cognitiva, isto é, uma imagem distorcida da realidade” (p. 116) e “(b) uma aberração sensível, isto é, sentimo-nos pouco à vontade, ou infelizes, ou deprimidos, ou estamos com medo, ou não conseguimos dormir, temos falta de apetite, sofremos de todo tipo de doenças e dores” (p. 117). Ouweneel também defende a existência de um entrelaçamento entre os aspectos biótico e mental, e afirma que todas as estruturas humanas (e sobretudo o coração) “estão envolvidas em todas as doenças ou distúrbios” (p. 121). As duas características da personalidade anormal serão tratadas em detalhes no mesmo capítulo (p. 122-125), bem como suas possíveis causas (fatores pessoais, situacionais e religiosos).

¹⁶ GALEN. *On the Natural Faculties* (II.VIII). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1952, p. 189. A teoria fundamentou a ciência patológica e terapêutica pelo menos até o final do século 18 e ainda sobrevive até hoje, como indica nosso uso contínuo de termos tais como “melancolia” e “sangue quente”. LOUDEN, Robert B. *Kant’s Impure Ethics: From Rational Beings to Human Beings*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 79.

¹⁷ Conf. GLAS, *Christian Philosophical Anthropology*, p. 149.

Ainda no último capítulo, da página 131 até a conclusão do livro (p. 143), o autor deixa claro que não mais tratará sobre sintomas ou causas de doenças mentais, mas dos seus modos de tratamento. Para que houvesse uma divisão mais clara da obra, talvez fosse melhor se os tópicos de 6.4 em diante, que tratam sobre terapias mentais (6.4), psicoterapia cristã (6.5) e aconselhamento cristão (6.6), abrissem um novo capítulo, até porque o tipo de ajuda fornecido pelas terapias é importante não apenas para os “anormais” descritos no capítulo em questão, mas também para os “normais” do capítulo 5.

O subtítulo do livro, *Uma perspectiva cristã da psicologia* (em inglês, *A Christian view of psychology*, e em holandês, *Een christelijke kijk op de psychologie*), parece sugerir (caso a ênfase do subtítulo esteja sobre o termo *cristã*, como penso que está) a indicação de uma abordagem histórica mínima, algo como um relato conciso dos momentos importantes da psicologia na cristandade, por meio de seus principais representantes. Contudo, a única abordagem desse tipo foi às psicologias experimentais do século 19 em diante (p. 49ss) culminando com a abordagem “cristã” (isto é, a de Amsterdã). Se Ouweneel não quisesse citar muitos pais da igreja, bastaria citar Agostinho, cujas *Confissões*, por exemplo, têm até hoje força explicativa sobre fenômenos como a memória e a imaginação. Abordá-lo seria cobrir quase mil anos de “uma perspectiva cristã da psicologia”. A força do teólogo africano na formação da *psique* moderna tem sido reconhecida por psicólogos¹⁸ e até por literatos.

É a abordagem cristã ao homem e ao universo e, sobretudo, a agostiniana, que conduz ao caminho da psicologia. Sem um Agostinho, nós nunca teríamos um Freud. Passagens das *Confissões*, como aquelas sobre o ciúme nas crianças (I, 7), sobre as motivações do furto juvenil (I, 19; II, 4) e o amor à luxúria (passim) são surpreendentes na medida em que se transformam num olhar essencialmente cheio de frescor e desimpedido sobre o *self*. Após Agostinho, novas profundezas da caracterização tornaram-se acessíveis aos artistas narrativos, não importando as formas que poderiam encontrar para contê-las e explorá-las.¹⁹

Isso para não falar de homens como Gregório de Nissa (séc. IV), Bernardo de Claraval (séc. XIII), Richard Baxter e John Owen (sécs. XVI e XVII), Jonathan Edwards (sec. XVIII) e, numa abordagem histórica e teológica, Cornelius Van Til, cujo capítulo 5 da sua *Psychology of Religion* (publicado 14 anos antes da obra de Ouweneel) vale por um curso crítico e reformado sobre a história da psicologia moderna.²⁰

Além disso, embora tenha se valido das abordagens de Paul D. MacLean (Teoria do cérebro trino), Hipócrates e Galeno (Teoria dos humores/temperamentos), Leon Festinger (Teoria da dissonância cognitiva²¹), Vollenhoven e (fundamentalmente) Dooyeweerd, a falta de referências específicas a esses autores (ainda que nominalmente e de modo geral, embora nem isso tenha sido feito) pode levar o leitor desavisado a passar do pensamento de Ouweneel para um desses autores ou vice-versa sem se dar conta disso, o que resultaria em confusões e perigosos mal-entendidos, mesmo num livro introdutório.

¹⁸ Ver, por exemplo: ROBINSON, Daniel N. *An Intellectual History of Psychology*. Madison: University of Wisconsin Press, 1995, p. 68ss, e MARTIN, Raymond; BARRESI, John. *The Rise and Fall of Soul and Self: An Intellectual History of Personal Identity*. New York: Columbia University Press, 2006, p. 69ss.

¹⁹ SHOLES, Robert; PHELAN, James; KELLOG, Robert. *The Nature of Narrative*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 78, 79.

²⁰ VAN TIL, Cornelius. *Psychology of Religion*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1971, p. 66-80.

²¹ Ver sua obra *Teoria da dissonância cognitiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

Ouweneel faz parte de uma tradição que, percebendo que as lutas da igreja se deslocavam para a esfera da graça comum, buscaram entender a vida cultural à luz da Bíblia. Tal foi o caso da filosofia de Amsterdã. Um empreendimento desse porte certamente terá imprecisões. Porém, na medida em que suas pesquisas se desenvolvem, a igreja é ajudada a se posicionar biblicamente no mundo e a refinar seu pensamento. Por isso, insisto em destacar a contribuição de Ouweneel no suprimento da maior carência da igreja cristã no século XX até hoje: fazer uso biblicamente orientado dos recursos da graça comum. Só esse esforço (presente em toda a obra) vale a leitura do livro.

Por fim, a Editora Cultura Cristã deve ser parabenizada por essa grande contribuição à causa reformada. Ela já havia deitado as bases para isso publicando a trilogia (e outras obras) de Francis Schaeffer, um gênio da teologia que sintetizou as escolas reformadas norte-americana e holandesa (como “filho teológico” de Cornelius Van Til e “neto cultural” de Dooyeweerd, via Hans Rookmaaker). Agora, após publicar estudiosos da psicologia reformada norte-americana como David Powlison, Edward Welch e Paul Tripp, introduz também uma visão sobre o assunto tal como processada pela Escola de Amsterdã. Isso certamente ajudará ainda mais tanto à liderança da igreja como também aos demais interessados nesse assunto tão importante.